



# COLORISMO

## COLORISM

### Resumo

O texto que segue tem por objetivo demonstrar as principais contribuições propostas pela obra *Colorismo* (2021) da jurista Alessandra Devulsky. Intercruzando o fenômeno colorismo a opressão de raça, classe e gênero, a resenha proposta busca apresentar o trabalho desta escritora de forma clara a enlaçar com outras obras consagradas para uma melhor argumentação expositiva do tema proposto pela obra.

**Palavras-chave:** Colorismo; Racismo; Devulsky.

### Abstract

*The text that follows aims to demonstrate the main contributions proposed by the work *Colorismo* (2021) by the jurist Alessandra Devulsky. Intertwining the colorism phenomenon with the oppression of race, class and gender, the proposed review seeks to present the work of this writer in a clear way, linking it with other renowned works for a better expositional argument of the theme proposed by the work.*

**Keywords:** Colorismo; Racism; Devulsky.

\*Hellen Rodrigues Batista

Recebido em: 13/05/2022

Aceito em: 30/03/2023

Alessandra Devulsky, mestra em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutora em Direito Econômico e Financeiro pela Universidade de São Paulo (USP). Professora no programa de mestrado da Universidade do Quebec em Montreal (Canadá) é cofundadora e diretora do Instituto Luiz Gama com sede em São Paulo. No ano de 2019, Devulsky foi eleita para o comitê executivo do organismo de cooperação internacional *Alternatives* em Montreal, além de ser diretora-geral da *Corporation de développement communautaire de Côte des Neiges* no Canadá.

A obra a ser resenha foi publicada no ano de 2021, pela editora Jandaíra e compõe o selo Sueli Carneiro, somando-se à coleção “Feminismos Plurais” que é coordenada pela filósofa negra brasileira Djamila Ribeiro. Com apresentação de Djamila Ribeiro, texto de orelha de Rosane Borges e comentário de capa traseira do atual ministro dos direitos humanos e cidadania Silvío Almeida, o livro “Colorismo”, contém um total de 222 páginas, que estão divididas em quatro capítulos, mais as notas explicativas e o referencial bibliográfico.

Embora esteja dividida em poucos capítulos curtos, junto a apresentação e introdução, o trabalho em questão, aborda de maneira exímia o debate sobre as relações raciais no Brasil ao longo de sua história e em como isso reverbera assuntos como o mito da democracia racial e miscigenação. Alessandra Devulsky é uma proeminente pesquisadora e debatedora crítica sobre a temática colorismo, que nos últimos anos tem tomado longas proporções discursivas nas mídias sociais, esferas de militância e nas universidades brasileiras.

Resgatando o contexto histórico-social de diferentes partes do mundo para expor de maneira explicativa o que seria o colorismo, Devulsky, nos convida a acompanhar esta discussão com um olhar crítico não homogeneizador para nos elucidar sobre a construção das categorias políticos raciais identitárias negra e branca. Para isso a autora se vale do processo histórico político cultural de invasão colonial como peça fundamental para sistematização das categorias raciais negro, branco e indígena.

A colonização, como argumenta a jurista feita por classificar de maneira geográfica o ser branco civilizada enquanto Europa e o ser negro e indígena ao lado oposto como bárbaro e selvagem representando a África, América e todo o resto que não seja europeu. Ao fazer este movimento, o colonizador acabou por criar um mito do “fardo do homem branco”, que é um discurso utilizado para dominação e hierarquização racial, com a justificativa de que o branco (a) está a levar civilidade e desenvolvimento a estes lugares.

Evidenciando a diversidade que há no continente africano anterior à invasão colonial européia e que prevalece até hoje, a escritora comprova que antes do período de dominação branca havia uma diferenciação de tratamento entre negros claros e escuros, porém com a atenção cuidadosa de ressaltar que essa distinção não tinha os mesmos fins que o traçado pelos brancos (as). O sistema expropriatório colonial que avançou junto ao capitalismo, utilizou desta e outras questões étnicas para acirrar e gerar conflitos entre os negros.

Ao transparecer toda a argumentação precedentemente analisada, baseada em uma investigação detalhada, Devulsky, leva o público leitor a um caminho de informações certas, que rompe com discurso balizador sobre tema o colorismo, algo que apenas dificulta a criação de horizontes libertadores e debate sério sobre o assunto. Dando continuidade a sua análise a jurista ressalta que não devemos unicamente nos furtar ao debate histórico, mas compreender que o colorismo se aprofunda na atualidade graças a uma base social que se solidificou na escravidão e racismo estrutural.

Entendo que a miscigenação racial no Brasil é utilizada para diferentes fins políticos/ideológicos<sup>1</sup>. O colorismo adentra a este bojo como forma aglutinadora da ideologia racista, pois não se desenvolve de maneira espontânea, assim como vários sistemas sociais e de opressão este também tem seu dueto, que é o racismo.

Ao dedicar uma obra robusta, com uma linguagem e preço acessível a vários públicos, Devulsky em conjunto à proposta da coletânea que o livro compõe e busca apresentar uma diversidade de temas emergentes para nossas reflexões, militância e do fazer científico. Esta obra em particular tem por fundamento transparecer a sofisticação tecnológica social presente ao colorismo e suas interconexões com valores socioeconômicos, culturais e históricos. Toda esta trama como elucidada a obra faz parte do jogo institucional público e privado capaz de transmitir valores racistas em que aquele (a) que tenha traços africanos marcantes seja relegado à subalternidade.

<sup>1</sup> O trabalho da educadora militante Sueli Carneiro, se debruça de maneira exemplar sobre a questão da miscigenação e seu impacto na formação ideológica na formação do Brasil.

Neste sentido como argumenta Devulsky, combater o colorismo e uma forma de combate ao racismo, pois: “É preciso sempre ressaltar que o *modus operandi* racista faz uso das práticas de homogeneização de grupos “minoritários”. Combater o colorismo e, portando, também o racismo, e permitir que negras e negros possam expressar sua negritude em seus corpos, mas também na sua postura política (p. 121).”

Além dos pontos apresentados, o colorismo tem como um de seus sustentáculos principais a fragmentação da identidade racial negra, dividida entre pretos e pardos (conforme nomenclatura do IBGE), ferramenta está usada para evitar uma política aglutinadora reivindicatória de equidade racial<sup>2</sup>, pois esta divisão se sustenta em um imaginário social falso de que pessoas pardas estão em vantagem, ou melhor, condição social que pessoas de pele preta. Como apresentado por Devulsky é preciso uma análise interccional aprofundada para chegar a essa conclusão, além disso, ao observar de forma cautelosa a violência em suas inúmeras formas empregada aos sujeitos (as) negros (as) pelo estado e suas políticas não há acepção entre claros e escuros.

Ao nos atentarmos às armadilhas propostas pelo colorismo, elucida e nos dirige a atenção para a questão do privilégio branco<sup>3</sup>. O foco desta resenha não é sobre este conteúdo, porém como uma forma elucidativa gostaria de propor o cruzamento desses dois fenômenos para demonstrar a qual estrutura devemos combater.

Após explanação de como o colorismo é apenas mais uma maneira de ação do racismo que prenhe ao capitalismo e a comprovação de como perpetuação do supremacismo branco e seus privilégios se entrecruzam a ele, é preciso observar que este privilégio se faz com uma não racialização do branco (a), já que este grupo se autoproclamou como universal no sentido de humanidade e o silêncio branco (a) perante o legado colonial. Ainda é necessário notar que dentro do sistema de produção e reprodução capitalista a diferenciação entre negros e brancos (as) é visível principalmente no mercado de trabalho. Para Devulsky, o colorismo neste campo serve perfeitamente a ideologia racista existente uma vez que o trabalho é um dos principais meios para produção da estratificação social.

O pacto narcísico<sup>4</sup> branco soma-se ao colorismo ao apresentar o sentimento de medo presente aos brancos (as) de ameaça e supressão de seus privilégios. O que busco afirmar com isso, é que enquanto o racismo com suas sofisticções dividem toda uma população negra que sempre foi diversa. O estrato social branco se solidifica sem divisões raciais e mantém seus privilégios a base de tensões raciais fora de seu grupo e silêncio a todo o sistema de violência e opressão capitalista criado por eles.

Em um esforço de finalização, outra bela contribuição a ser destacado neste mais sincero convite de leitura a esta eminente obra, é o caráter libertário pronunciado quando há um reconhecimento reivindicativo negro em todo este contexto de desventura, pois é esta movimentação que proporciona humanização. Afastando-se, diferenciar-se do universal que neste caso é o (a) branco (a) é necessário para uma posição simbólica e representativa de que o humano universal nunca foi possível graças a toda uma teia de violência, exploração e acumulação.

## 1. Notas

\* Graduanda em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).  
Email: hellenrodriguesbatista@gmail.com

<sup>2</sup> Sueli Carneiro em seu livro: “*Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*”, trabalha sobre este tema.

## 2. Referências bibliográficas

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Sao Paulo-SP: Selo Negro, 2011.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo-SP: Jandaíra, 2021.

<sup>3</sup> A psicóloga brasileira Cida Bento trabalha sobre esta questão em seu livro “*O pacto da Branquitude*”.

<sup>4</sup> Este termo é melhor explicado na obra “*O pacto da Branquitude*”.